

Editorial

PREZADO LEITOR,

Louis Braille, 200 anos; Sistema Braille, 184 anos; Imperial Instituto dos Meninos Cegos — hoje Instituto Benjamin Constant —, 155 anos. Eis aqui, em poucas palavras, a história de muitas vidas.

Já há alguns anos, dado a seu caráter científico, a revista Benjamin Constant vem oferecendo seu espaço aos estudiosos da vida dos que não veem ou são dotados de baixa visão. Somente em momentos como este, o bicentenário de Louis Braille, exercemos o mesmo direito democrático que concedemos a pesquisadores de expressar livremente seu pensamento ante os que nos gratificam com a gentileza de sua leitura.

Nesta edição, a pessoa cega ou com baixa visão não é sujeito de pesquisa, mas sujeito de história, na pessoa de seu primeiro líder, cuja grandeza e autenticidade expressa-se por jamais ter pretendido sobrepor-se a seus companheiros.

Somos produtos da história que nós mesmos construímos. E fazemo-lo coletivamente. Antes de Braille, as realizações intelectuais, artísticas e profissionais dos cegos não eram impossíveis. E nomes como Teresa de Paradis, Martin Niessen Weissembourg e Nicolas Sounderson comprovam-no. Mas, originários de classes favorecidas e vivendo isolados dos outros cegos, eles as conseguiam apenas para si mesmos. Seu papel histórico consistiu em demonstrar aos que os cercavam que a cegueira não incapacita o indivíduo.

A dificuldade dos cegos é suprir as mesmas necessidades que os videntes sem fazer uso da visão. Letras identificáveis pelo tato permitir-lhes-iam a leitura plena de quaisquer obras. Valentin Haüy compreendeu-o. E, ao assistir ao triste espetáculo da praça de la Concorde, resolveu solidarizar-se com as vítimas.

A escola da rua Saint-Victor, onde o menino humilde de Coupvray realizou seus estudos e tornou-se professor, seria a primeira instituição a reunir crianças cegas com propósitos verdadeiramente educacionais. Voltava-se para a formação intelectual, musical e profissional de seus alunos, adotando método desenvolvido pelo próprio Valentin Haüy, baseado em experiências de cegos bem sucedidos.

Os bons resultados do trabalho de Haüy projetaram a instituição e incentivaram a criação de similares em diversos países, bem como o surgimento de novos métodos de leitura para os cegos.

Implantados de cima para baixo, tais métodos não escaparam ao senso crítico dos estudantes, que discutiam suas vantagens e desvantagens.

Foi, portanto, no momento em que os próprios cegos tiveram as condições de que necessitavam para avaliar coletivamente os recursos que lhes eram oferecidos para seus estudos, que Louis Braille, um jovem aluno de 16 anos, apresentou à instituição sua primeira proposta de leitura tátil. E é esta a data oficialmente reconhecida por todo o mundo como a do surgimento da escrita independente dos cegos.

Entretanto, o braille sofreu resistências de professores videntes da própria instituição e só foi oficialmente reconhecido em seu país natal em 1854, o mesmo ano em que o Brasil adotava-o, com a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos,

escola similar àquela fundada por Valentin Haüy, em Paris, conquista de José Álvares de Azevedo, provável ex-aluno de seu criador.

Uma leitura atenta e despida de preconceitos dos textos contidos nesta edição levará o leitor a compreender que:

- o Sistema Braille é uma conquista dos cegos, com o apoio dos videntes que reconheciam seu direito de emancipar-se de sua tutela;*
- só o Sistema Braille permite ao educando cego apropriar-se dos conceitos de letra, sílaba, palavra e frase através do contato direto com a escrita e a leitura;*
- após o surgimento do Sistema Braille, o cego alargou sua escolaridade, alcançando as universidades e o mundo do trabalho;*
- graças ao Sistema Braille, o cego conquistou sua identidade enquanto grupo social, com deveres a cumprir e direitos de cidadania;*
- o ensino da escrita cursiva na Instituição dos Jovens Cegos, a criação do raquígrafo, pelo próprio Braille, com o auxílio de François-Pierre Foucault, e sua simplificação por Victor Ballu — todos cegos — evidencia seu desejo de não se afastarem do "mundo dos videntes".*

Louis Braille jamais reivindicou qualquer remuneração especial ou acúmulo de pontos para seu currículo profissional pelo desenvolvimento de seus projetos. Seu caráter íntegro formou-se a partir de uma história de vida simples, rica em afeto e com o reconhecimento de seus familiares, que viam nele um menino talentoso e promissor.

Comissão Editorial